

B.V.

LM-0096

O Gidial.

Prologo.

Creando a homem a imagem e
semelhança de Deus, elle tende a
Deus com virtude de uma necessidade
interna. Porque, como um raio,
nao, comprehendendo puramente que
se' a infinita e o absoluto porem
constituir o objecto adequado do
seu ideal supremo tanto no
tempo como na eternidade.
E' em consequencia deste ponto
irresistivel, que elle procura, nas
criaturas, realisar o seu ideal
relativo, no intuito de poder mais
facilmente attingir o seu ideal
supremo.

Infelizmente, porém, devido a
uma aberração que comtigo
trahe a culpa original; in-
vertida a ordem preestabelecida
pelo Criador, elle tende, muitas
vezes, ao seu ideal relativo, como
se fosse o seu ideal absoluto.
Quanto mais se desviam de
esta inversão, e' bem facil de
se provar, porque, tendo Deus
creado o homem para si e para
a sua gloria, elle acabará por
desviar se e errar pelas suas
paixões e as pulas creaturas, e
precurara, levado pela ambição e
o nome, domínios, e con-
stituido - e supremo arbitrio
da humanidade. Repetir - e - ta-
ntão, e tudo aquillo que
de alguma sorte lhe parece
que coaduna com as suas idéas
e absolutamente cogitar sobre
a verdade ou não verdade
dos seus actos, com tanto que
para attingir o seu fim.
Sabri, esta confusão de idéas e
sentimentos que observamos no
individuo, na familia e na
sociedade actual.

Capitulo Sobre o bem e o mal.

Onde está a caceia dos soffrimentos do individuo, da familia e da sociedade? Eis aqui uma pergunta, cuja resposta, ha de necessariamente interessar a todos, porque o homem, em consequencia de um sentimento innato, procura a felicidade, e evita a dor, e a procura de preferencia nos objectos que de alguma forma o impressionam, sem se preoccupar se lhe conuem ou não como ser racional; porque para elle gazar e agardar são synonymos.

Mas bem posto, convenceu-se a. de ser um erro, porque se proger e o bem estar, jamais o progeria collocar em consideração della preferir conseguir a ma tã alongada a felicidade; cujo objecto, talvez ainda hontem, elle o a pagava, e hoje, convencido de um erro, volta a buscar a entre as mes que lhe parecem mais adequadas as suas aspirações, completamente esquecido do primitivo em que puzinha todas as mas espuranças tão chinas de illusões.

E é assim, que qual borboleta, errando em flôr em flôr, passará a vida, até chegar ao tumbo da ma romaria aqui sobre a terra.

Além disto, este bem parecial, pelo facto de se incessar, de contentar a universalidade de suas aspirações; ainda mesmo que em si encerrasse todas as perfeições passivas e immutáveis, estaria muito aquem do ideal de felicidade com o qual elle se contenta. Porquanto, estando sujeito este seu ideal, ás transformações physicas, ethicas e moraes, se o temor de o perder, ou de não

seja devidamente correspondido, bastaria para o desear pensativo, ainda mesmo quando ^{na vida} ~~estamos~~ ^{estamos} ~~tranquilla~~ ^{tranquilla} do ~~nos~~ ^{nos} ~~do~~ ^{do} ~~ob-~~ ^{ob-} ~~jecto~~ ^{jecto} de seu ideal.

Depois, a posse do objecto desejado, muitas vezes, constitui o inicio da origem de muitas males imprevisíveis, ou suscita outras desejos, que consideramos como tantas condições necessárias para completar a nossa felicidade, sobretudo quando, ao entrarmos na posse de um objecto, nos prejudicamos moral ou physicamente, e com qualmente succede.

E as consequências destes erros, destas mudanças, das revirgens e insucessos, contribuem para a infelicidade, não só do individuo, mas ainda da familia por elle constituída.

E as muitas emergencias, não se appellam para a Poligamia, bem teistes serão as consequências, como a experiencia quotidiana nos-o attesta.

O ideal é para o homem o que a alma é para o corpo e a inspiração para a intelligencia.

Assim é que, onde não houver ideal, não haverá vida nem inspiração.

Qu'è, porém, o ideal?..

O ideal é aquelle pensamento, aquelle sentimento intenso, constante e persistente, para onde convergem todas as nossas faculdades e actividades, e que, com o volver dos tempos, acabará por contribuir para nossa felicidade ou desventura.

E isto acontece quando o ser racional, tendo consciencia de um objecto sem se formarem com um consentaneo a sua natureza, se pelo facto de sentir-se inclinado a elle.

E neste caso, o individuo poderá agir por fragilidade ou por virtude; agirá por virtude, quando, tendo conhecimento do mal e podendo e devendo evitá-lo, se deixar levar por elle; agirá por fragilidade, quando, resistindo ao que deve reagir, não o faz, por fragilidade ou pelo mau habito adquirido. Nestes casos deduzi as tristes consequências, que comtigo acarreta um ideal ficticio; porque, pelo mesmo facto do ideal representar a somma de nossa actividade e energias, é capaz de operar em nosso intuito uma profunda transformação para o bem ou para o mal; a qual contribuirá para nossa felicidade ou desventura.

E se este pensamento seria sufficiente para que nos resolvemos a romper com elle, immolando-o, no intuito

de entramos numa atmosphera da gra-
ça e nulla humanidades habi-
tualmente. Porque, fora deste ambiente
celestial, nossas Almas viverão
como em uma especie de agonia
espiritual.

Capitulo Sobre o ideal e as paixões. 67

O prazer, a delicia ou qualquer outro bem natural, com quanto licito, não pôde constituir o objecto da nossa felicidade. Porquanto, a proza poderá fazer feliz o animal; porque basta ser que opera de conformidade com as leis que regem a sua natureza, tendo a felicidade que lhe é inherente.

Or, o animal, procurando a sua felicidade em um bem ou prazer natural, procede de accordo com as leis que regem a sua natureza; não pôde, portanto, deixar de ser feliz. E esta é a razão porque quando os seus forces não o assistem mais, e vae resignado esperar pela morte, porque é impossível para elle a morte, quando se lhe torna impossível gozar de prazer que as objectas naturais exercem sobre os seus sentidos. Não acontece assim com o homem, porque, convertendo-se para bem relativo seja qual for, em um bem absoluto, além de se vincular com o irracional, elle vae de encontro ao fim pelo qual Deus o criou e collocou aqui sobre a terra.

É impossível, portanto, que elle seja feliz, como as bestas.

É não obstante isto, o homem procura o seu ideal de felicidade em um bem limitado com relação a um costume e duração.

É que, sob o aspecto mais perto das objectas que se podem impressionar nos seus sentidos, em um momento de fatal e illusoria visão

~~não~~, tenderá si elle, de preferencia; ainda
que, segundo os dictames da razão, só possa
contribuir para sua infelicidade.

Em todo caso, pela sua natureza racio-
nal, elle está em condições incompara-
velmente superiores as dos animaes; porque
quando chegar a reconhecer o seu erro,
podrá, como a serpente, purificar-se
nas chamas do amor próprio e voltar
do primitivo estado pela penitencia
e a oração que ponho a frente collo-
cal-o ha em condições muito fa-
voráveis para unir-se intimamente
com o seu ideal supremo e adequado,
sem que jamais minta scindado do
passado.

Capitulo IV. Sobre o ideal pessoal e o uni- versal.

Se Adam não tivesse peccado, elle occu-
pava um pleno dominio sobre si;
porque, confirmado no estado em
que havia sido creado, só tenderia
ao bem; porém, tendo peccado, a
sua vontade, como a de todos os
seus descendentes, apuzar de tender
ainda ao bem e de permanecer livre
com'outra ora; não obstante isto,
tende muitas vezes ao mal como
se fora um bem.

Antes da culpa original, para que a
vontade se tornasse deficiente, foi
necesso que a primeira mulher, sedu-
zida por satanaz, fizesse o seu marido
participar da deficiência da propria
vontade; mas depois da queda se
verão primarios factos, muitas ve-
zes o mesmo homem é sufficiente
para que se torne deficiente a
sua vontade, sem que a primi-

tivo tentador o impulso ao mal; Este pendor, portanto, ao mal, é uma consequência da culpa original, da qual Deus, em sua infinita misericórdia e sabedoria, se serviu para que a creatura racional, desviada do seu primitivo estado, encontrasse um meio seguro para recuperar a sua rectidão e graça primordial, mediante as applicações dos merecimentos de J. Christo, vincendo-a e punindo-a.

Se o homem, portanto, descendesse de um Adam confirmado em graça, elle exerceria um pleno dominio sobre si mesmo, e muito embora a sua vontade permanecesse livre, elle só procuraria realisar o seu ideal em Deus, ainda quando tendesse as creaturas.

Pelo que o seu ideal parcial, longe de contrariar as exigencias do seu ideal universal e absoluto, só poderia contribuir para o secundar cada vez mais.

Capitulo VI Sobre o amor ideal.

O amor ideal, masculino, entre pessoas de sexos differentes, é uma chimera com a qual sonham as almas angelicas e que nullo pensa que possa realisar o seu ideal de felicidade.

E neste erro tem salido muitas vezes gemas, que, se de antemão possessem o cominar do contrario, mudariam de opiniao; porque o amor, as creaturas, que, se nossos primeiros pais não tivessem peccado, offereria todas as vantagens e meios para

que o homem amando possui aqui na terra iniciar a sua felicidade eterna, tornou-se impossível por causa desta como segunda natureza adicional engendrada pela culpa original.

E se não obstante isto, ainda procuramos realisar o nosso ideal de felicidade no amor as creaturas, é signal que elle existe, e se por ventura não o conseguimos, é porque procuramos nas creaturas o que somente poderíamos encontrar em Deus.

Mas nem por isto devemos de desanimar ou voltar-nos contra este sentimento innato do amor as creaturas; porque, quando bem ordenado, elle é capaz, não só de garantir a nossa felicidade relativa aqui sobre a terra, mas ainda a eterna e absoluta na vida de alim tumulo.

Capitulo. VII Porque as creaturas não podem constituir o nosso ideal supremo.

O homem desahido do seu primitivo estado de graça e rectidão, tornou-se um ser accaz complexo e mysterioso. Porque querendo escolher o objecto adequado a sua perfeita e eterna felicidade, costuma apêgar-se a um objecto parcial ou momentaneo, que, muito embora, pela propria experiencia e a altria, se reconheça que está muito aquem daquelle ideal com o qual elle sonha, não só pela sua integridade ^{perfeição} moral, phisica e intellectual, mas ainda pela incerteza da sua posse tranquilla e durabilidade.

Os objectos momentaneos ou o bem mo-
ral, camquanto possam cubrir a uni-
versalidade de nossas tendencias, não
são perduraveis, em vista das impur-
feições humanas e inclinações ao mal.
Além disto, o ideal pressupõe uma força
que nos impelle a perseguit-o, qual-
quer que elle seja, ainda que, desviado
o homem do caminho do bem ou
do mal, possa emveredar por cam-
minhos diametralmente oppostos. Se-
guindo-se daqui, que o objecto
do seu ideal, poderá muitas
vezes constituir para sua felicidade
ou ruina, ^{tanto} ~~nao se~~ espiritual como
material.

Capitulo IV: Se Deus pode constituir o
objecto de nosso ideal abegando.

Pelo que temos exposto, segue-se
que nalgum ymoenar o seu
ideal fora de Deus, e ainda mais
se se voltar contra elle, agirá em
sentido contrario a uma felicidade,
e, por consequente, contra o seu
bem estar moral e material; em-
bora, apparentemente, se sinta
feliz. Porque, muitas vezes, o
ideal parcial, ainda que, em
parte, satisfaga momentanea-
mente, pode, não obstante isto,
pertubar a harmonia que ha
entre as partes que compoem o
corpo humano. prejudicando - a
moral ou physicamente, e sim-
plemente macendo.

Além disto, o ideal dominante, é
como o centro para onde
convergem todas as nossas energias,

tornando-o para o individuo como
uma especie de idêa fixa, cujos resul-
tados, convertet-o-ha em um ver-
dadeiro impulsional, que em sua
marcha apparentemente triumphante,
repellirá para longe de si toda e qual-
quer idêa ou pensamento; toda e
qualquer accão ou prazer ainda que
licito, que por ventura possa oppor-se
ao seu idêal.

E por outro lado, devido a uma força
electiva que com rigoz acerrita o idêal,
o individuo ha de assimilar tudo
aquillo que de alguma forma, possa
concorrer para a realisacão do seu
idêal, ainda que precise que precise
de contra a propria consciencia ou
os dictames da razão.

Pelo que, em taes emergencias, é
necessario agirmos, inspirando-nos
em nosso idêal supremo e in-
finito, no intuito de garantirmos
e completarmos essa felicidade,
embora relativa, com a qual
satisficamos quanto tendemos
as creaturas.

Capitulo VI. Deus quer e nos auxilia
a conseguirmos o nosso idêal
supremo e assignado.

Admittido que o homem tenha
um propósito conhecido, pela revela-
ção, dos deveres da creatura para
com o Criador e os seus semelhantes;
admittido que pela propria expe-
riencia e a alheia, esteja plena-
mente convencido que só Deus
pode constituir o objecto do seu
idêal assignado, e que só a
posse do mesmo, pela graça
santificante, é uma condicão

necessaria para a garantia da sua felicidade
com referencia ao seu ideal parcial; e
logico, que o procure como um meio para
o conseguimento, afirmação e conservação do
seu ideal supremo e adequado.

E neste caso, não lhe será difficil tender
a elle, porque Deus, não só quer; mas,
além disto, ha de o auxiliar a conse-
guil-o, esclarecendo a sua mente e
fortificando a sua vontade de tal
forma que, quando se posse da sua
graça, se esforçará para conservá-la
habitualmente; e, então, as tendências
que experimentará, para com o seu
ideal supremo, avultará sobre as que
elle sentirá para com o objecto da seu
ideal parcial, e ser-lhe-ha mais
facil viver unido a Deus, do que longe
da sua doroso amplicio. Pois, entre
o amor de Deus e o das creaturas, ha um
pronto de contacto, em virtude do qual,
amamos as creaturas, porque, primar-
iamente amamos a Deus; e de tal forma
que se fôssemos do amor de Deus,
não poderíamos tender ás creaturas; porque
o que nos inclina á ellas, são as perfeições
infinitas de Deus, as quaes elle quiz como
que fraccionar-as de um modo finito
nas creaturas, e em virtude das quaes,
nos sentimos inclinados a amal-as.
Mas se o reflexo tanto nos seduz tanto,
que muito que não nos arrebata
aquelle foco infinito, d'onde toda ira-
dia toda luz, que nos illumina a in-
telligencia e nos aquece o coração.
E as aberrações do amor as creaturas, não pre-
cisamente a causa, pela qual esquecidos
de Deus, tendemos em busca da luz e
do calor, sem nos lembrarmos do
foco de infinitas perfeições que o pro-
duz. Porém, agitado vivirá sempre
o nosso coração enquanto nelle não repousarmos.

Capítulo Oidial humano.

Oidial do homem, é o idial dos anjos, porque elle participa da natureza angelica, e elle tem plena consciencia d'isto quando ama e idialisa. Porquanto, se Deus, creando o homem, lhe infundisse desde um 'atmo semelhante á do bruto, elle procuraria o seu idial nas creaturas e o conseguiria; pois, além do gozo sensual que a posse do objecto desejado o faria experimentar, elle ignoraria o que todo ser intelligente experimenta, quando, recordando este sentimento innato, procura realisá-lo, não simplesmente pelas sensações; mas principalmente pela intelligencia e a coração.

É esta circumstancia que, elevando o homem acima de todos os seres que habitam a superficie da terra, o transfigura em um anjo revestido da natureza humana; quando, pondo acima das suas tendências ás creaturas, o que elle sente irresistivelmente para com Deus, o ama e identifica - se com o seu divino complacito.

Profundissima ineffavel, pela qual elle não tem difficuldade de sacrificar e immolar tudo e qualquer affecto ou inclinação, se tanto d'elle se exigir o seu idial supremo e absoluto. Pois, se o reflexo tanto o reduz, e arrubata; que muito que não lhe ha de arrubatar. Aquelle que, de alguma forma quez fraccionar de um modo finito nas creaturas as suas perfeições infinitas e formosura.

Na busca pelo ideal é necessário não perdermos de vista o sobrenatural sob pena de cairmos na nossa miséria, muito embora, aparentemente, nos sintamos felizes, porque nesta matéria, além das aparências enganarem, podem ser fataes.

E não haverá um meio pelo qual, tendendo ao ideal ou já de posse delli, possamos garantir a nossa felicidade?

Sim, elle existe. E si! de nos se não existisse; porque passaríamos por este mundo como navens impellidas pelo torçao da morte e os soffrimentos, depois de havermos fluctuado em immenso mar de dores e sinistras cogitações.

E em que consiste este meio? Consiste em que tenhamos sempre em mente que pelas nossas tendencias e aspirações, nos somos anjos revestidos de carne humana, e que, apesar d'isto, nossas almas estam unidas aos nossos corpos substanciaes, mente e não acidentalmente, e que, por conseguinte, a massa eu, é casta: tudo ~~por isso~~ não se pela alma ou pelo corpo, unão pela substancia que resulta da união da alma com o corpo, isto é, pelo homem. Noão, que depois da culpa original, transformam-se moralmente fallando, em um continuo contraste, em que estas duas substancias, se deplaciam, tentando supplantar uma a outra, com grandes soffrimentos para o homem, unico responsavel pelo que se possa commetter e que está ao alcance da fiscalização, e fides conservadas e inviolados da sua santidade.

Pela que, é necessário que ^{nos} lembremos de nossa origem, natureza e

contingencia e procedamos como se
 realmente fossemos anjos, evitando de todo
 aquillo que de alguma forma, possa
 suscitar ideias, tendencias e pressamantos
 contrarios aos dictames da razão illuminada
 pela fé; porque é precisamente este
 reforço e actividade que constitue a vir-
 tude, a geral supressão da mortificação
 e a abnegação, sem a qual não podemos
 triumphar de nossas paixões e más instin-
 ctos.

Benaventurados, pois, aquelles que antes
 de macularem a branca estola da
 sua innocencia não proseguem no
 gozo de um ideal relativo, encontram
 um mais efficaz para cada vez se eleva-
 rem mais ante o conspecto de Deus.